



GT 09. Antropologia das Mobilidades

Coordenador(es):

André Dumans Guedes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Candice Vidal e Souza (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Sessão 1

Debatedor/a: John Cunha Comerford (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Cristina Patriota de Moura (UNB - Universidade de Brasília)

Este grupo de trabalho pretende abrigar e pôr em relação pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. É nossa pretensão dialogar com trabalhos que abordem as formas, significados, experiências, narrativas e práticas de mobilidade em contextos os mais diversos: nas grandes metrópoles ou nas roças, nas matas ou águas, em aldeias ou instituições modernas, nas estradas e caminhos conectando ou localizando-se “entre” lugares como esses. Buscaremos assim aproximar trabalhos oriundos de distintos subcampos da antropologia: a etnologia indígena; a antropologia urbana ou feita nas cidades; os estudos do campesinato e dos povos e comunidades tradicionais; a antropologia da economia, da política, do estado ou da ciência. Inspirados por certas abordagens pioneiras surgidas nos estudos sobre o campesinato brasileiro, iremos privilegiar investigações onde a análise dessas múltiplas formas e modalidades de movimento esteja orientada pelas reflexões, linguagens e formas expressivas de que se servem aqueles (ou aquilo) que se encontra em movimento. Sugerimos igualmente que os trabalhos apresentados contemplem questões referentes à articulação das mobilidades com a organização de coletivos, identidades e institucionalidades; às desigualdades nas capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover (ou não se mover) decorrentes de diferenças de classe, gênero, geração, etnia ou filiação religiosa; ou às inovações e problemas metodológicos associados ao estudo das mobilidades.

Quem circula, o que circula: alguns apontamentos sobre práticas de mobilidade no agreste pernambucano

Autoria: Berlano Bênis França de Andrade (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

A presente comunicação procura refletir sobre as formas que historicamente foram constituídas na produção de circulações entre trabalhadores a partir ? mas hoje não exclusivamente - dos territórios rurais na mesorregião do Agreste de Pernambuco. Tomando como fio algumas reflexões extraídas de nossa investigação (Andrade, 2017) sobre trabalhadores que articulam atividade agrícola e na confecção de vestuários, em um processo marcado pela circulação de pessoas e objetos, propomos argumentar: a) que as mobilidades constituídas nesse território se inserem num conjunto de práticas de longa duração que distinguem estes sujeitos; b) que no processo de circulação e fixação de pessoas cruza-se o de circulação de objetos, sejam dons como mercadorias. Assim, ao ato de circular, elemento extensamente debatido na literatura sobre o tema e que no caso dos pequenos proprietários rurais da região não pode ser compreendido como uma fuga, mas sim como uma resistência (Scott, 1986), deve-se articular o movimento de fazer circular os objetos de sua produção como outra possibilidade de fixação no território. Procuramos, para isso, incursionar nas trajetórias biográficas de homens e mulheres que, muitas vezes, executaram em diferentes momentos de suas vidas distintas formas de circulação como meio de reprodução social: migração pendular na plantation açucareira; ingresso no work urbano nas grandes metrópoles do país e; mais



recentemente, as migrações intermunicipais na produção e comercialização de vestuários. Também nos atemos a como hoje uma mesma unidade familiar recorre a distintas práticas de mobilidade, pesando para isso fatores como gênero e geração, de forma a ampliar as possibilidades de reação as limitações impostas a eles. Com isso, procuramos destacar o processo múltiplo e articulado entre pessoas e objetos no tecer de formas de circulação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: